

O JORNAL FRIO PODE SER FONTE DE INTERAÇÕES QUENTES

Maria Angélica Marchini Corrêa (PG)-UEL

1. Do Contexto

Esse trabalho é resultado parcial da monografia que desenvolvo no Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Prof^a Dr^a Lidia Maria Gonçalves, também coordenadora do Projeto de Extensão Universitária Linguagem e Ensino – A Leitura do jornal: do pré à quarta série”, do qual participo há três anos - dois como aluna bolsista e um como colaboradora.

Todos os colaboradores desse projeto extensionista são professores de educação infantil ou fundamental e participam do mesmo como meio de otimizar suas práticas pedagógicas e incorporarem o jornal no processo de letramento, uma vez que este suporte de textos oportuniza aos alunos a leitura da realidade.

Ao iniciarmos as crianças no mundo letrado por meio de atividades significativas e conseqüente reflexão sobre o mundo real, promovemos a interação entre a escola e a realidade social expressa na mídia. Dessa forma, combatemos a alienação do ensino, uma das causas do fracasso escolar.

HEER (1994), afirma que desde que nascem, as crianças vêem os adultos usando suportes como jornais, anúncios, livros por razões que desconhecem e lhes dão a impressão de serem objetos para adultos. Mediante esta crença, a autora recomenda:

“O adulto deve facilitar o contato da criança pequena com a escrita, para dessacralizar a escrita e favorecer seu livre ingresso nesse mundo desconhecido.” (HEER: 1994, p.8)

Atuamos, portanto, no intuito de “dessacralizar” o texto, apresentá-lo como um ponto de vista de um enunciador em relação a um fato, e como este fato é de interesse público, tanto que se tornou notícia ou matéria jornalística, é válido tomarmos conhecimento e termos uma opinião sobre ele. Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais é um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1998).

O novo currículo para o Ensino Fundamental de nove anos requer aulas que ensinem a ler o mundo e a letra, concomitantemente, na sua e nas diferentes culturas. Com ênfase nos conceitos de alfabetizar letrando, acreditamos que é possível realizar um produtivo trabalho de leitura de jornal e de outras mídias com nossos alunos da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, ainda que estejam em processo de alfabetização. Esta metodologia promove o conhecimento da linguagem escrita dentro de um processo de letramento, assim, associamos leitura e escrita a práticas sociais que tenham sentido para aqueles que as utilizam conforme orienta o educador Paulo Freire.

Os pressupostos teóricos que fundamentam nossas práticas no referido projeto de extensão universitária são advindos da Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e estão expressos nas publicações de Ezequiel Theodoro da Silva (presidente da Associação de Leitura do Brasil – ALB), Regina Zilberman (pesquisadora do CNPq), Magda Soares (pesquisadora do Centro de Alfabetização Leitura e Escrita – Ceale da UFMG), Roxane Rojo (lingüista da Unicamp), Marisa Lajolo (docente do Mackenzie e da Unicamp) e outros autores dessa área que pesquisam meios de ensinar a língua materna de modo que faça sentido para os alunos.

A grande crítica feita com relação ao uso dos jornais na sala de aula é que apenas o jornal do dia/quente tem o potencial de despertar o interesse dos alunos. Como o jornal torna-se velho/frio em 24 horas, isto dificulta ao educador o planejamento das atividades a serem desenvolvidas com o jornal do dia. Problema causado não só por uma questão de tempo para o planejamento como também pela maior dificuldade em conseguir exemplares ‘de hoje’. Os ‘de ontem’, ao invés de jogarem no lixo, os familiares podem doar para a escola. Um outro caminho

viável é o professor tornar-se assinante de jornal, facilitando assim a aquisição desse suporte para fins pedagógicos: formação de um arquivo, seleção de textos da semana, do mês ou do ano, preparação de seqüências didáticas e aplicação das mesmas.

O objetivo da pesquisa de minha monografia é demonstrar que não é apenas a atualidade do texto jornalístico que o faz interessante no contexto escolar, mas também a atualidade da temática ali tratada e dos procedimentos didáticos adotados pelo docente. Portanto, o jornal frio pode ser fontes de interações quentes na sala de aula.

Para constatar a eficácia desse suporte na formação de leitores e questionar sua perecibilidade enquanto material de leitura devo, na qualidade de professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, disseminar os resultados positivos de planejamento e execução de aulas de língua portuguesa que possuam como objeto de ensino-aprendizagem textos jornalísticos publicados nos últimos três anos.

2. Da reflexão teórica

A concepção de linguagem como interação entre indivíduos num determinado grupo social (Vygotsky, 1984) demonstra a importância da dimensão social no processo de desenvolvimento do ser humano, pois o homem transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura. Ao interagir com o conhecimento, o homem se modifica, adquire novas formas de pensamento e de como se inserir em seu meio. Por isto, é importante o papel da imitação na aprendizagem; não estamos falando de simples cópia e repetição, mas imitação como instrumento de compreensão, de reconstrução interna daquilo que o indivíduo observa externamente, sendo o professor o possibilitador das interações entre os alunos com os objetos de conhecimento, intervindo nas suas zonas de desenvolvimento proximal (ZPD), propondo desafios, através do ensino, e assim fazendo avançar os processos de aprendizagem dos alunos. Para instalar uma zona proximal de desenvolvimento (ZPD) é preciso constatar o nível de desenvolvimento real do aluno em relação ao objeto de estudo e refletir sobre com quais situações-problema vou levá-lo a uma “zona de tensão” e assim iniciar o trabalho na ZPD.

Trabalhamos com leitura no sentido de interpretação crítica e consciente. Queremos que nosso aluno possa refletir sobre práticas sociais que se dão em situações enunciativas concretas e específicas, pois desejamos atuar como mediadoras no desenvolvimento de capacidades de linguagem de nossos alunos, a partir das necessidades ditadas pelas situações que eles vivenciam e, para isto, adotamos uma concepção de ensino-aprendizagem que têm como suporte o letramento escolar; como diz Signorini (2001), letramento são as inúmeras práticas sociais que integram a produção e a leitura de materiais escritos. Nesta concepção, todo evento que envolva a fala, a leitura ou a escrita é um evento de letramento. E, a linguagem é instrumento de interação entre indivíduos sócio-historicamente situados. Nesse processo, o professor é um agente social mediador, condutor da interação com o aluno. E, a linguagem precisa ser trabalhada em sua funcionalidade, com textos plenos de significados e sentidos.

Acreditamos que o hábito da leitura de jornais é algo a ser aprendido ainda na infância, portanto:

“Leitura de jornal é uma habilidade a ser ensinada: compete ao professor levar o aluno a entender que, por exemplo, na primeira página, na manchete escolhida, nos títulos e nas formas de linguagem que ali se apresentam (fotografias, subtítulos, diagramação da página, etc.), as histórias que vão ser relatadas no interior daquele período são relacionadas em mini-textos que buscam a atenção do leitor. Geralmente esses pequenos textos, na primeira página, dão respostas às perguntas ‘o que, quem, quando, como, onde e por que’”. (GONÇALVES, 2004)

A interação verbal efetiva-se por meio de enunciados considerados relativamente estáveis, chamados de gêneros, embora tal estabilidade deva ser examinada com ressalvas, pois os gêneros estão em constantes transformações. Esse conceito nos possibilitou realizar um trabalho de letramento escolar, com base nos gêneros de uso social, dentre eles, as manchetes jornalísticas.

Dionísio (2005), explica que os gêneros discursivos são multimodais porque são produzidos por no mínimo dois modos de representação, como palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, entre outras combinações possíveis. Além de se associarem a vários outros elementos como cores, fotos, imagens, padrões de diagramação, texturas no papel, apliques que se desdobram e tudo o mais que puder ser incorporado ao papel pelas modernas tecnologias.

Outro aspecto a ser considerado na leitura de um gênero é a sua finalidade discursiva. Para Bakhtin (1992), a leitura seria muito limitada se o leitor voltasse sua atenção apenas aos aspectos lingüísticos, textuais e de conteúdo de cada texto lido. Cada gênero discursivo tem sua finalidade discursiva e deve ser considerado por sua função sócio-ideológica.

No caso da manchete, sua finalidade é chamar a atenção do leitor para o conteúdo do jornal, informar, portanto e fazer com que o leitor compre o jornal, ou se já o possui, que leia a matéria a que se refere. A manchete é o título principal, de maior destaque no alto da primeira página do jornal ou da revista, alusivo a mais importante dentre as notícias contidas na edição. Sabemos que título não é considerado um gênero por não perfazer uma unidade textual, e sim um aparato do texto. A manchete, por sua vez, ganha status de gênero e seu sentido só é completo se analisada no suporte em que esta aparece, no caso deste trabalho, o jornal.

3. Do encaminhamento de uma de nossas práticas: leitura de manchetes jornalísticas

A sequência didática aqui apresentada visa proporcionar aos alunos o desenvolvimento das capacidades de linguagem requeridas na compreensão e produção do gênero em questão: manchete jornalística.

O público alvo deste trabalho são trinta alunos da 1ª série da Escola Municipal “Professora Maria Tereza Meleiro Amâncio”, localizada na zona Oeste de Londrina - PR, na qual atuo como professora regente da turma. As crianças têm entre seis e meio a oito anos de idade e são heterogêneas entre si quanto ao nível de alfabetização: são vinte e uma crianças pré-silábicas, cinco silábico-alfabéticas e quatro alfabéticas.

Propus inicialmente uma sondagem do conhecimento prévio das crianças sobre jornal, enquanto suporte das manchetes e das notícias (os gêneros jornalísticos mais conhecidos entre eles).

As manchetes selecionadas para este trabalho são de jornais velhos (ditos frios) dos últimos três anos, cujos temas continuam atuais e interessam por apresentarem caráter histórico (possibilitam interações quentes). Alguns cuidados foram tomados na seleção do material, assegurando o vocabulário, a estrutura e as capacidades de linguagem necessárias para que os alunos aprendessem a identificar o gênero manchete ao se deparar com ele. Também foi considerada a relevância do conteúdo das manchetes, observando, inclusive, a idade dos alunos que as analisariam. Para saber o que seria relevante trabalhar com a turma, pautei-me pelas palavras de KOCH (2002):

“(...) a informação é relevante para alguém quando interage, de certa forma, com suas suposições prévias sobre o mundo, quando tem *efeitos contextuais* (reforço ou contradição) em dado contexto que lhe é acessível.”(KOCH: 2002, p.32)

O segundo passo foi propor a leitura seguida da análise e discussão do texto selecionado. Organizei a turma em círculo e fiz a leitura em voz alta de uma manchete; a seguir, abri espaço para que todos se manifestassem sobre o que foi lido e assim os comentários iam surgindo. Para fomentar a decodificação, a compreensão e a interpretação das manchetes, essa docente provocava seus discentes por meio de questionamentos previamente planejados.

No terceiro momento, meus alunos aprenderam a reconhecer o contexto de produção das manchetes. Para isso, alertei-os de que há certos fatores que influenciam na produção de todo e qualquer texto, são eles: autor, destinatário, suporte, momento, lugar, objetivo e conteúdo.

Por meio da percepção desses fatores, os alunos notam que a manchete veiculada no Jornal de Londrina é diferente da manchete sobre o mesmo assunto veiculada na Folha de Londrina e assim sucessivamente nos demais jornais.

Para exemplificar essa característica, propus a abordagem de dois textos de dois jornais de grande circulação em Londrina: Folha de Londrina e Jornal de Londrina, para ser observada a dimensão discursiva da linguagem utilizada, considerando os contextos sócio-histórico e ideológico.



(Jornal de Londrina, 03 de maio de 2007)



(Folha de Londrina, maio de 2007)

Num outro momento, já havia trabalhado a questão da intertextualidade existente entre esses textos com alunos de terceira série. Para a primeira série, enfatizei a escolha das palavras usadas para persuadir o leitor a se posicionar contra ou a favor da terceirização da merenda, problema surgido no ano de 2007 e ainda vivido por meus alunos. No Jornal de Londrina, o título da notícia traz um tom de denúncia, usando palavras de acepção negativa como “desperdício”, enquanto na Folha de Londrina, o título anuncia os benefícios da terceirização “duas merendas por dia”. Discutimos o que pode ser entendido deste último, antes não eram servidas duas merendas também? Então, se as crianças já recebiam duas merendas ao dia, qual o propósito desse texto? Querem nos fazer crer que há melhorias, que as crianças estão sendo beneficiadas com a terceirização. Fica claro então, que as opiniões de cada jornal diferem-se pela ideologia existente por trás de cada empresa jornalística.

Citarei aqui três das manchetes trabalhadas com minha turma de primeira série:

“TERRA EM CONFLITO”
(Folha de Londrina, 7 de maio de 2006)

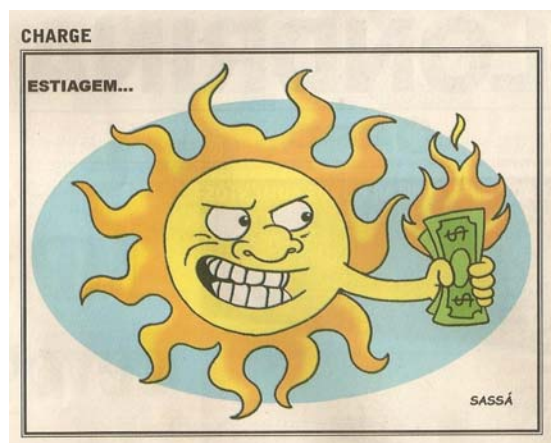


Nesta, a foto-manchete é bastante valorizada, toma quase todo o espaço da parte superior da primeira página, as cores da bandeira do movimento dos sem-terra se destacam e os integrantes do movimento estão armados de foices e empunham bandeiras. Tentei instigá-los com perguntas: É a terra que está em conflito ou são os homens que brigam por ela? Por que eles querem terra? Vocês acham correto brigar e invadir a propriedades dos outros? Depois dos comentários das crianças, pedi que observassem atentamente a foto, que também é um texto a ser interpretado, para atribuir significados. A foto tirada de cima não permite que vejamos os rostos, somente as cabeças com bonés e chapéus, as armas e as bandeiras, tudo isso reforçando a idéia de conflito e da existência de um povo excluído, à margem da sociedade. Esta manchete nos proporcionou uma reflexão bastante produtiva a respeito das diferenças sociais existentes em nosso país e apontei a eles a educação como uma arma para combater a pobreza e a desigualdade social. Quanto ao nível de linguagem predominante nos textos jornalísticos em geral, ressalttei ser a norma padrão e num comparativo pedi que imaginassem como ficaria essa manchete na linguagem coloquial: Homens quebram o pau pra ganhar terra. Questionei acerca do nível de linguagem que apresenta maior prestígio na sociedade e em quais momentos ela deve ser usada por nós.

“AQUECIMENTO GLOBAL MUDA A AGRICULTURA BRASILEIRA”
(Folha de Londrina, 22 de agosto de 2006)

Diante desta manchete, fiz um levantamento do que os alunos sabiam sobre o aquecimento global, o famoso efeito estufa e as suas causas. Perguntei o que eles entendiam do verbo mudar nesse contexto e ainda: Vocês acham que o aquecimento global fez a agricultura mudar de forma positiva ou negativa? Quais as conseqüências disso em nossa vida? Alimentos cada vez mais caros. Escassez. O que nós, enquanto cidadãos do mundo, podemos fazer em nossa casa, nossa comunidade para mudar positivamente este quadro? Esta manchete nos possibilitou um trabalho interdisciplinar com o conteúdo de ciências e, após esta leitura, propus à turma um trabalho em grupo de elaboração de cartazes com recortes de práticas que preservam a natureza e, de outro lado, práticas que destroem a natureza.

“ESTIAGEM REDUZ A PRODUTIVIDADE NO CAMPO”
(Jornal de Londrina, 13 de março de 2005)



(Jornal de Londrina, 15 de março de 2005)

Por ocasião dos jornais televisivos anunciarem estado de alerta em vários estados brasileiros em razão da estiagem no mês de junho desse ano, levei para a sala a manchete que trata do tema e uma charge, analisando a intertextualidade existente entre os dois textos. Após fazer a leitura em voz alta da manchete para o círculo de alunos, destinei cinco minutos para ouvir a interpretação oral dos mesmos, aproveitando o momento para trabalhar o vocabulário.

Expliquei para a turma que a charge é um texto jornalístico feito com imagens, normalmente desenhos caricaturais, às vezes com algumas palavras que auxiliam na compreensão, criticando, de forma bem humorada, algo ou alguém. Ressaltei que, assim como as palavras, as imagens contêm significados e também precisam ser lidas e interpretadas. Explorei a charge com perguntas: Quem é o autor da charge? O que o sol representa nesse texto? Tentem ler a palavra que o autor colocou para nos ajudar a compreender melhor. O que o sol está fazendo e o que isso significa para nós e para a nossa sociedade? Vamos comparar a charge com a manchete para responder essa pergunta. A estiagem afeta a agricultura e dá prejuízo para o homem do campo.

No trabalho com outras manchetes, realizei com a turma produções de textos coletivos, coletando as opiniões dos alunos a respeito do tema dado.

4. Do resultado obtido

Nos dias atuais, uma pessoa letrada deve ser capaz de atribuir sentido às mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem. De acordo com Dionísio e Bezerra (2002), “necessitamos de falar em letramentos, no plural, pois a multimodalidade é um traço constitutivo do discurso oral e escrito”. Segundo estas autoras, na sociedade contemporânea, “a prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada à prática de letramento da imagem, do signo visual”. Daí a importância do trabalho pedagógico com gêneros multimodais (aqueles que, em sua constituição, têm vários sistemas de linguagem).

A fim de levar o aluno a multiletramentos, o professor não pode mais ignorar o trabalho didático com os gêneros multimodais; a relação palavra e imagem encontra-se cada vez mais imbricada, obrigando-nos a sermos leitores de outras linguagens, que não só a verbal. Por isso, no trabalho com manchetes, não poderia ser ignorada a foto manchete. Assim como a charge que faz um intertexto com a manchete da capa. O aproveitamento desses recursos contidos no jornal e a elaboração prévia das seqüências didáticas possibilitou aos meus alunos o contato com gêneros diversificados, o que contribui para o desenvolvimento de sua competência comunicativa – um dos objetivos do ensino de língua materna.

O trabalho com gêneros jornalísticos, por apresentarem temas polêmicos e atuais, possibilita a divergência de opiniões. Mesmo que as crianças não tivessem condições de defender seu ponto de vista por escrito, porque, estando nos primeiros níveis de alfabetização sua escrita não apresenta legibilidade suficiente, os diálogos e a elaboração de textos coletivos contribuíram para

que os alunos fossem adquirindo conhecimento a respeito de textos de opinião, além dos gêneros inicialmente apresentados: manchete e foto-manchete.

Reconhecemos a importância do uso da literatura de ficção na escola, porém acreditamos que essa deva dar espaço ao uso de gêneros textuais da esfera da mídia, da ordem do expor e do argumentar, por estarem presentes nas interações diárias e por serem eles extremamente necessários aos alunos no decorrer de toda sua vida.

Como educadora, utilizo os textos jornalísticos em minhas aulas para, por meio deles, romper e problematizar o sistema político e social vigente; desse modo, o veículo é interrogado em classe como espelho de nitidez discutível da realidade do município, do estado, do país e do mundo. Em outras palavras, o jornal deve ser utilizado na escola com um instrumento de ensino e aprendizagem, uma ferramenta para fazer pensar a sociedade na qual estamos inseridos.

Concluo esse trabalho com uma fala incisiva a respeito da necessidade de se formar leitores de jornais:

“A instrução por meio do jornal é o método mais astucioso e infalível para vencer a ignorância no que ela tem de mais terrível – essa presunção de suficiência que de ordinário se disputa no espírito dos que pouco aprendem.” (ALMEIDA, 1991, 88)

5. Das referências bibliográficas

ALMEIDA, Manuel Antônio de. A informação contra a tirania. In: MENDONÇA, Bernardo de. *Obra dispersa* – Manuel Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Graphia, 1991. p.87-90.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. (v.2). Brasília: MEC/SEF, 1997.

DIONÍSIO, Ângela P. *Gêneros multimodais e multiletramento*. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz, BRITO, Karim S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexes e ensino*. Palmas-PR: Kayganguê, 2005.

GONÇALVES, Lidia Maria. *Do Ledor ao Leitor: Um estudo de caso sobre as insuficiências do jornal em sala de aula no ensino fundamental*. Tese de Doutorado. Defendida em 2004, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre - RS.

HEER, Nicole. *100 fichas práticas para explorar o jornal na sala de aula*. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo, Cortez, 2002.

SIGNORINI, Inês et al. *Investigando a relação oral/escrito*. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984